

RELATOS ORAIS: DO "INDIZIVEL" AO "DIZIVEL"

Maria Isaura Pereira de Queiroz

REVALORIZAÇÃO DO RELATO ORAL

Não há muitos anos, o "relato", denominado agora "historia oral", fez seu reaparecimento entre as técnicas de coleta de material empregadas pelos cientistas sociais; com tanto sucesso que, por muitos deles, foi encarado com "a" técnica por excelência, e até mesmo a única válida para se contrapor às quantitativas. Enquanto estas últimas, reduzindo a realidade social à aridês dos números, parecia amputá-la de seus significados, a primeira encerrava a vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo fato social.

Diz-se reaparecimento porque, do começo do século ao início dos anos 50, a "historia oral" fôra utilizada por sociólogos como W.I. Thomas (1863-1947) e F. Znaniecki (1882-1958) em sua pesquisa conjunta, datada de 1918-1920; ou como John Dollard (1900) que pretendeu traçar-lhe as regras de aplicação; e também por antropólogos, entre os quais Franz Boas (1858-1942), geógrafo alemão convertido à antropologia e naturalizado americano em 1886, que recolheu relatos e depoimentos de velhos caciques e pagês afim de preservar do desaparecimento a memória da vida tribal. Estes cientistas sociais encaravam a historia oral e, principalmente, a historia de vida como um instrumento fundamental de suas disciplinas. Porém enquanto Boas a empregava sem grandes discussões, tanto Dollard quanto Thomas e Znaniecki alertavam para as dificuldades que apresentavam.

Para êstes dois últimos, a historia de vida mostrava apenas um aspecto parcial da realidade; assim sendo, não podia ser utilizada isoladamente, mas devia ser completada e esclarecida por toda a sorte de dados colhidos segundo outras técnicas. O monumental trabalho que empreenderam sobre o camponês da Polonia imigrante e em seu país de ori-

---

\*\* - Um resumo deste texto foi apresentado na mesa redonda "Perspectivas da Pesquisa Sociológica no Meio Rural Brasileiro", realizada durante a 38ª Reunião Anual da SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, em Curitiba (Paraná), julho de 1986.

gem com efeito encerra coletas realizadas por meio de instrumentos de pesquisa os mais variados. Quanto a John Dollard, sua preocupação eram as implicações psicológicas das histórias de vida. Considerava-as como aptas para se conhecer como se desenvolvia um indivíduo em seu meio socio-cultural; estariam, portanto, muito coloridas pelo subjetivismo do informante, o que deturparia sua narrativa. Porém, para estes autores, o relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não-conservado, o que desapareceria se não fôsse anotado; servia, pois, para captar o não-explicito, quem sabe mesmo o indizível.<sup>1</sup>

O grande desenvolvimento das técnicas estatísticas, em fins dos anos 40, relegou em seguida para a penumbra relatos orais e histórias de vida, que pareciam demasiadamente ligadas às influências da psique individual. A técnica de amostragem com a aplicação de questionário surgia agora como a maneira mais adequada de se obter dados inquestionavelmente objetivos.

Pouco a pouco se percebeu, no entanto, que valores e emoções permaneciam escondidos nos próprios dados estatísticos, já que as definições das finalidades da pesquisa e a formulação das perguntas estavam profundamente ligadas à maneira de pensar e de sentir do pesquisador, o qual transpunha assim para os dados, de maneira perigosa porque invisível, sua própria percepção e seus preconceitos. Os números perdiam sua auréola de pura objetividade, patenteando-se dotados de viéses anteriores ao momento da coleta, escondidos na formulação do problema e do questionário; ocultos, pareciam inexistentes.... Porém influenciavam <sup>levantamentos</sup> ~~e~~ desviando-o muitas vezes do rumo que devia seguir.

O desenvolvimento tecnológico, colocando à disposição do cientista social novos meios de captar o real, como o gravador, reavivou novamente o relato oral; as fitas pareciam agora o meio milagroso de conservar à narração uma vivacidade de que o simples registro no papel as despojava, uma vez que a voz do entrevistado, suas intonações, suas pausas, seu vai-vem no que contava, constituíam outros tantos dados preciosos para estudo. Sem dúvida Oscar Lewis foi um pioneiro neste sentido; muito embora se considere hoje discutível a maneira pela qual agiu, ao colher as várias histórias de vida de membros da família Sanchez, mostrou como utilizar um novo meio de registro, recolheu precioso repositório de dados, criou documentos cuja exploração é ainda possível, apesar das dúvidas levantadas.<sup>2</sup> Como que se redescobriu nêsse momento o relato oral e se aquilatou de maneira positiva sua grande importância.

## RELATO ORAL E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

No entanto, através dos séculos, o relato oral constitui sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer, <sup>para</sup> a maior fonte de dados para as ciências em geral. Em todas as épocas, a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, ambos muito interligados) ~~se baseia~~ se baseia na narrativa, que encerra uma primeira transposição: a da experiência indizível que se procura traduzir em vocábulos. Um primeiro enfraquecimento ou uma primeira mutilação ocorre então, com a passagem daquilo que está obscuro para uma primeira nitidês, - a nitidês da palavra, - rótulo classificatório colocado sobre uma ação ou uma emoção.

A transmissão tanto diz respeito ao passado mais longínquo, que pôde mesmo ser mitológico, quanto ao passado muito recente, à experiência do dia-a-dia. Ela se refere ao legado dos antepassados e também à comunicação da ocorrência próxima no tempo; tanto veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pôde inclusive ser o agente daquilo que está relatando, quanto transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também antigas tradições do grupo ou da coletividade.

O relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam. Quando o "homem das cavernas" deixou, nas paredes desta, figuras que se supõe formarem um sentido, estava transmitindo um conhecimento que possuía e que talvez já tivesse recebido um nome <sup>ao</sup> estabelecido ~~de~~ designado pela palavra.<sup>3</sup> O fruto de suas experiências e descobertas ficava assim ~~concretizado~~ <sup>concretizado</sup> e passava aos demais, inclusive aos pósteros. Mais tarde a escrita, quando inventada, não foi mais do que uma nova cristalização do relato oral.

Desde que o processo de transmissão do saber se instala, implica imediatamente na existência de um narrador e de um ouvinte ou de um público. Ao se operar a ~~passagem de~~ <sup>passagem de</sup> oral ~~para um~~ <sup>para um</sup> signo que é "solidificado", ~~seja~~ seja ele desenho ou escrita, ~~instala-se novo~~ <sup>instala-se novo</sup> intermediário entre narrador e público. O intermediário pôde ser um ~~indivíduo~~ <sup>também</sup> indivíduo que funcione como transmissor dos conhecimentos que ouviu de outrem. Da mesma forma que ~~desenho~~ <sup>desenho</sup> e palavra escrita constituem uma reinterpretação do relato oral, também o indivíduo intermediário, por mais fiel, acrescenta sua própria interpretação àquilo que está narrando.

O gravador parece à primeira vista um instrumento técnico próprio

para anular, ou pelo menos, para diminuir o possível desvio trazido pela intermediação do pesquisador. Logo se viu, no entanto, que o poder da máquina não era tão absoluto, e nem mesmo tão grande quanto se havia suposto, uma vez que a utilização dos dados nas pesquisas exigia, em seguida, a transcrição ██████████ escrita. Uma parte do registro se perdia na passagem do oral para o texto, e este ficava igualado a qualquer outro documento.<sup>4</sup> A vantagem era conservar com maior precisão a linguagem do narrador, suas pausas (que podiam ser simbolicamente transformadas em sinais convencionais), a ordem que dava às idéias. O documento resultante era sem dúvida mais rico do que aquele registrado pela mão do pesquisador, mas apesar de tudo havia um empobrecimento quando comparado com a fita gravada, e de novo o pesquisador se tornava um intermediário que podia deturpar de alguma forma o que fôra registrado.

A fita, porém, não é passível de ser guardada indefinidamente. Se repetidas vezes empregada por um mesmo ou por sucessivos pesquisadores que quizerem evitar a transcrição escrita, logo se deteriora; obter dela cópias em quantidade leva a despesas apreciáveis, embora concorra para conservá-la. Toda fita, mesmo quando utilizada com parcimônia, ainda assim é fragil, exige cuidados especiais para maior durabilidade, ██████ e armazenagem bastante cara. A única forma de se conservar o relato por longo tempo está ainda em sua transcrição. Volta-se ao que se acreditava evitar com o gravador, isto é, à intermediação escrita entre o narrador e o público para a utilização do relato, e às possíveis deturpações dela decorrentes.

Tal constatação contribui para desfazer nova ilusão: a de que se deveria conservar a narrativa o mais próximo possível de seu registro, evitando a intervenção do pesquisador e a ocorrência de côrtes que prejudicariam o conhecimento integral do dado recolhido. Tropeça-se aqui com algo que parece obstáculo intransponível: a nítida distinção entre narrador e pesquisador, que é fundamental. O pesquisador é guiado por seu próprio interesse ao procurar um narrador, pois pretende conhecer mais de perto, ou então esclarecer, algo que o preocupa; o narrador, por sua vez, quer transmitir sua experiência, que considera digna de ser conservada e, ao fazê-lo, segue o pendôr de sua própria valorização, independentemente de qualquer desejo de auxiliar o pesquisador. Procurará por todos os meios relatar, com detalhes e da fôrma que ██████

lhe parece  
 mais satisfatória, [redacted] os fatos que [redacted] respondem aos seus próprios intentos, e tudo isto pôde convir ou não ao pesquisador, o qual tentará então trazer o narrador ao "bom caminho", isto é, ao assunto que estuda.

Mais tarde, ao utilizar [redacted] relato, o pesquisador o fará de acordo com suas [redacted] preocupações e não com as intenções do narrador; isto é, as intenções do narrador serão forçosamente sacrificadas. Assim, o propósito deste último fica sempre em segunda plana, desde o início da coleta de dados. Em primeiro lugar, porque não coincide nunca inteiramente com os propósitos do pesquisador; foram os desejos deste que deslancharam o relato, sendo então predominantes sobre o intento do narrador. Em segundo lugar, porque o pesquisador utilizará em seu trabalho as partes do relato que sirvam aos objetivos fixados, destacando os tópicos que considerará úteis e desprezando os demais.

Noutras palavras, desde o início da coleta do material, quem comanda toda a atividade é o pesquisador, pois foi devido a seus interesses específicos que se determinou a obtenção do relato. Durante [redacted] a entrevista, portanto, por mais que se procure deixar o narrador como senhor do que está expressando, o pesquisador terá sempre uma posição dominante. Que este mais tarde recorte o material segundo suas finalidades, afim de aproveitá-lo da maneira que melhor convenha a estas, não estará senão seguindo a mesma linha de dominação tomada desde o início, e agora reafirmada de maneira mais clara.

Na verdade, a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto escrito, diante do qual se encontra um <sup>estudioso</sup> [redacted] ao ser fabricado, não se guiou forçosamente as injunções do pesquisador; de fato, o cientista social interroga uma enorme série de escritos, contemporâneos ou não, que constituem a fonte de dados em que apoia seu trabalho. Recortes de jornal relativos à atualidade, documentos históricos de variado tipo e de diversas épocas, correspondência hodierna ou passada, registros os mais diversos, - sem esquecer as estatísticas estabelecidas pelos governantes ou por instituições específicas, - foram redigidos com intenções que nada tinham a ver com a pesquisa que decidiu fazer; e não é por esta razão que devam ser afastados como menos úteis. Pelo contrário, constituem hoje, como constituíram no passado, a base mais sólida sobre a qual se erguerá o edifício da investigação. E' sobre ela que se realizará o procedimento primordial de toda pesquisa, - a análise. E análise, em seu sentido essencial, significa decompôr um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, afim de utilizar somente o que é compatível com a <sup>síntese</sup> [redacted] que se <sup>busca</sup> [redacted]. Assim, diante destas considerações, o escrúpulo em relação aos recortes das histórias orais e à sua utilização para [redacted] se afigura nitidamente como um falso problema.

## HISTORIA ORAL, HISTORIA DE VIDA.

"Historia oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada fôrma, ela registra a experiência de um só individuo ou de diversos individuos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sôbre um mesmo acontecimento ou sôbre um período do tempo. A historia oral pôde captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destes tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadores de historias, poetas, cantadores inventam num momento dado. Na verdade tudo quanto se narra oralmente é historia, seja a historia de alguém, seja a historia de um grupo, seja historia real, seja ela mítica.

Dentro do quadro amplo da historia oral, a "historia de vida" constitui uma espécie ao lado de outras fôrmas de informação também captadas oralmente; porém, dada sua especificidade, pôde igualmente encontrar um símile em documentação escrita. Trata-se de tipos de documentos próximos uns dos outros, mas que é necessário distinguir pois cada qual tem sua peculiaridade de coleta e de finalidade. Assemelham-se às historias de vida as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias, as biografias; fornecem todas elas material para a pesquisa sociológica, porém diferem em sua definição e características.

A fôrma mais antiga e mais difundida de coleta de dados orais, nas ciências sociais, é a entrevista; considerada muitas vêzes como sua técnica por excelência, tem sido ao contrario encarada como desvirtuadora dos relatos. Nunca chegou, porém, a ser totalmente posta de lado, o que demonstra sua importância. A entrevista supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sôbre que versa foi escolhido por este último por convir ao seu trabalho. O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pôde seguir um roteiro préviamente estabelecido, ou operar aparentemente sem roteiro porém na verdade se desenrolando conforme uma sistematização de assuntos que o pesquisador como que decorou. A captação dos dados decorre de sua maior ou menor habilidade em orientar o informante para discorrer sôbre o tema; é este que conhece o acontecimento, suas circunstâncias, as condições atuais ou históricas, ou por tê-lo vivido, ou por deter a respeito informações preciosas. ~~elas~~ ora fornecem dados originais, ora complementam dados já obtidos de outras fontes. Na verdade, a entrevista está presente em todas as fôrmas de coleta dos relatos orais, pois estes ~~sempre~~ <sup>implicam</sup> sempre num colôquio entre pesquisador e narrador.

A historia de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sôbre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acon-

tecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. ~~\_\_\_\_\_~~  
~~\_\_\_\_\_~~ Narrativa linear e individual dos acontecimentos que ê-  
 le considera significativos, através <sup>dela</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ se delineiam as  
 relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada  
 social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador <sup>desvendá-la</sup> ~~\_\_\_\_\_~~.  
 Desta fôrma, o interêsse dêste último está em captar algo que ultrapassa  
 o caráter individual do que é transmitido e que se insêre nas coletivi-  
 dades a que o narrador pertence. Porém, o relato em si mesmo contém o  
 que o informante houve por bem oferecer, para dar idéia do que foi sua  
 vida e do que êle mesmo é. Avanços e recuos marcam as historias de vida;  
 e o bom pesquisador não interfere para restabelecer cronologias, pois  
 sabe que também estas variações no tempo pôdem constituir indícios de al-  
 go que permitirá a formulação de inferências; na coleta de historias de  
 vida, a interferência do pesquisador seria preferencialmente mínima.

Outro aspecto fundamental da historia de vida é ser ela uma tecni-  
 ca cuja aplicação demanda <sup>longo</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ tempo; não é em uma ou duas entrevistas  
 que se exgota o que um informante pôde contar de si mesmo, tanto mais  
 que a <sup>duração</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ delas é limitada devido ao cansaço. Além de <sup>exigir muitos</sup> ~~\_\_\_\_\_~~  
 encontros com o narrador, também deve-se contar <sup>quanto</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ levam os re-  
 latos para serem transcritos. Finalmente, uma das dificuldades consiste  
~~\_\_\_\_\_~~ em se chegar a pôr ponto final nas entrevistas, pois o narrador  
 em geral afirma que tem sempre novos detalhes a acrescentar: não quer  
 perder seu papel de personagem...

Toda historia de vida encerra um conjunto de depoimentos. ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>o</sup>  
 termo foi muito cêdo definido juridicamente, significando interrogações  
 com a finalidade de "estabelecer a verdade dos fatos". Perde, porém, es-  
 ta conotação nas ciências sociais, para significar o relato de algo que  
 o informante efetivamente presenciou, experimentou, ou de alguma fôrma  
 conheceu, podendo assim certificar. O crédito a respeito do que é narra-  
 do será testado, não pela credibilidade do narrador, mas sim pelo cote-  
 jo de seu relato com dados oriundos de outras variadas fontes, que mos-  
 trará sua convergência ou não. Desta fôrma, nas ciências sociais, o de-  
 poimento perde seu sentido de "estabelecimento da verdade" para mani-  
 festar sômente o que o informante presenciou e conheceu.

A diferença entre historia de vida e depoimento está na fôrma es-  
 pecífica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas tecnicas,  
 durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento, o colloquio  
 é dirigido diretamente pelo pesquisador; pôde fazê-lo com maior ou me-  
 nor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a en-  
 trevista. Da "vida" de seu informante só lhe interessam os acontecimen-  
 tos que venham se inserir diretamente no trabalho, e a escolhã é única-  
 mente efetuada <sup>este critério</sup> ~~\_\_\_\_\_~~. Se o narrador se afasta em digressões, <sup>o pesquisador</sup> ~~\_\_\_\_\_~~  
 para trazê-lo de novo ao seu assunto. Conhecendo o problema, busca ob-  
 ter do narrador o essencial, <sup>fugindo</sup> ~~\_\_\_\_\_~~ do que lhe parece supêrfluo e des-  
 necessario. E é muito mais facil a colocação do ponto final neste

assim que o pesquisador considere ter obtido o ~~que deseja~~ A obediência do narrador é patente, o pesquisador tem as rédeas nas mãos. A entrevista pôde se exgotar num só encontro; os depoimentos pôdem ser muito curtos, residindo aqui uma de suas grandes diferenças para com as histórias de vida.

Voltando novamente às histórias de vida, embora o pesquisador subrepticamente dirija o coloquio, quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar tanto quanto possível silencioso. Não que permaneça ausente do coloquio, porém suas interferências devem ser reduzidas, pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado. Este é quem determina o que é ~~relevante~~ <sup>relevante</sup> ou não narrar, êle é quem detém o fio condutor. Nada do que relata pôde ser considerado supérfluo, pois tudo se encadeia para com- pôr e explicar sua existência. Pôde ser difícil fazê-lo concluir, pois há sempre mais e mais acontecimentos, mais e mais detalhes, mais e mais reflexões que a memória vai resgatando.

Vê-se, portanto, que estabelecer diferenças entre histórias de vida e depoimentos pessoais não constitui exagero de pesquisador demasiadamente escrupuloso. A escôlha de uma ou outra tecnica não pressupõe apenas diferenças na maneira de aplicá-las, mas inclusive, e sobretudo, <sup>diferença nas</sup> preocupações do pesquisador com relação aos dados que pretende obter. Noutras palavras, as diferenças recaem sôbre o tipo de pesquisa que se quer realizar, pesquisa esta que, na sua especificidade, deverá requerer a aplicação da história de vida, ou a coleta por meio de depoimentos.

Dois exemplos pôdem esclarecer estas divergências. Quando se buscou conhecer como se desenrolava a existência cotidiana de individuos de baixa renda, na cidade de S. Paulo, durante as décadas de 20 e 30, a tecnica escolhida foi a das histórias de vida de individuos ~~que~~ que tivessem sido adolescentes ou jovens naquêle período; e, como se tratava de histórias de vida, não foram elas limitadas no tempo, mas, nas idas e vindas do narrador, chegaram sempre até os dias de hoje. No entanto, justamente porque se tratava de velhos, às vêzes mesmo anciãos de muita idade, a atenção dêles ~~naturalmente~~ naturalmente se voltou para infância e mocidade, trazendo ao pesquisador aquilo que estava buscando.<sup>5</sup> No entanto, ao se estudar o carnaval na cidade de S. Paulo, tal como se realizara em variadas épocas até 30/40, através de entrevistas com velhos foliões, a tecnica escolhida foi a dos depoimentos. ~~Trata-se~~ Trata-se de conhecer não a sequência da vida dos mesmos, porém as fôrmas que havia tomado o folguedo no decorrer do tempo; para tanto, urgia conhecer também o que havia sido cômto por pais e avós, além de saber como todos se divertiam durante as folias de Momo. Um aspecto era mesmo essencial: quais os grupos e coletividades participantes, a que camadas sociais pertenciam, quem eram os líderes na organização da festa. Não era possível deixar a iniciativa do diálogo aos informantes; cabia ao pesquisador orientá-lo de modo a colher a maior quantidade possível de material. O pesquisador guiava, pois, a narrativa do informante. Como se

verifica, na historia de vida o colóquio é conduzido pelo narrador, que detém <sup>a conduto</sup> do relato, enquanto nos depoimentos é o pesquisador que abertamente o dirige.

Embora na historia de vida o pesquisador se abstenha de intervir e a maneira de se realizar caiba ao narrador, na verdade o pesquisador foi quem escolheu o tema da pesquisa, formulou as questões que deseja esclarecer, propôs os problemas. O comando é dele ~~o~~ muito embora procure não intervir durante a narração; não impõe, portanto, os temas ao informante, que os abordará ou não, a seu talento. No caso da pesquisa para esclarecer o cotidiano paulistano de pessoas de baixa renda entre 1920 e 1937, uma das questões que o pesquisador tinha em mente era saber como os informantes haviam vivenciado ocorrências como as revoluções de 1924, 1930, 1932. Todavia, se o informante nada dizia a respeito, também nada perguntava o pesquisador, não tentando "avivar a memoria" de seu interlocutor. Ao contrario, a "falha da memoria", encontrada em vários casos, podia ser reveladora da fôrma de participação desta parcela de população em tais acontecimentos. Verificar também se a "falha" ocorria <sup>mais</sup> nos relatos femininos, e muito menos nos masculinos, também era algo que não podia ser desprezado.

Além de distinguir historias de vida e depoimentos pessoais, é preciso ainda destacar a diferença para com autobiografias e biografias. Narrar sua própria existência consiste numa autobiografia, e toda historia de vida poderia, a rigor, ser enquadrada nesta <sup>categoria</sup> tomada em sentido lato. Mas no sentido restrito, a autobiografia ~~o~~ existe sem nenhum pesquisador, e é essa sua fôrma <sup>especifica</sup>. É o narrador que, sózinho, manipula os meios de registro, quer seja a escrita, quer o gravador. Foi ele também que, por motivos estritamente pessoais, se dispôs a narrar sua existência, fixar suas recordações; deu-lhes o encaminhamento que melhor lhe pareceu e, se utilizou o gravador, não raro ele mesmo efetua em seguida a transcrição, ou pelo menos a corrige. Na autobiografia não existe, ou se reduz ao mínimo, a intermediação de um pesquisador; o narrador se dirige diretamente ao público, e a única intermediação está no registro escrito, quer se destine ou não o texto à publicação.

A biografia, por sua vez, é a historia de um individuo redigida por outro; existe aqui a dupla intermediação que a aproxima da historia de vida, consubstanciada na presença do pesquisador e no relato escrito que sucede às entrevistas. O objetivo do pesquisador é desvendar a vida particular daquele que está entrevistando ou cujos documentos está estudando; mesmo que neste estudo atinja a sociedade em que vive o biografado, o intuito é, através dela, explicar os comportamentos e as fases da existência individual. A finalidade é sempre um personagem, isto é, uma pessoa encarada em suas ações e em suas qualidades, naquilo que faz e diz através do tempo, em variadas situações e circunstâncias. Busca-se conhecê-lo através da sucessão de suas condutas, e segundo dois principios fundamentais, que orientam tanto as entrevistas quanto o relato posterior:

<sup>sempre</sup> o personagem se revela em seus comportamentos que compõem um todo integrado, de tal maneira que este todo não poderia ser dividido sem se encontrar imediatamente destruído; o personagem é um indivíduo especial e particular, diferente de todos os outros, dos quais se destaca.

Uma vez que estas são as características de um personagem, a finalidade de um biógrafo, ao escrever-lhe a história, é oposta à de um pesquisador ao utilizar a técnica de histórias de vida. O primeiro fará ressaltar em seu trabalho os aspectos marcantes e inconfundíveis do indivíduo cuja existência decidiu revelar ao público. O segundo busca, com as histórias de vida, atingir a coletividade de que seu informante faz parte, e o encara, pois, como <sup>menos</sup> representante da mesma através do qual se revelam os traços desta. Mesmo que o cientista social registre somente uma história de vida, seu objetivo é captar o grupo, a sociedade de que ela é parte; busca encontrar a coletividade a partir do indivíduo. O biógrafo, mesmo que retrate a sociedade de que seu personagem participa, o faz com o intuito de compreender melhor a existência do biografado.

Uma segunda diferença, agora na maneira de serem utilizadas biografias e histórias de vida, se depreende <sup>aqui</sup> também. Justamente porque se trata de um indivíduo considerado em sua integralidade, a ~~biografia~~ <sup>biografia</sup> não pôde ser decomposta em elementos ou utilizada em fragmentos, sob pena de se perder completamente o sentido do que se procurava: o desenvolvimento da personalidade, isto é, do "eu" único e permanente que, embora evoluindo através do tempo, mantém certa linha constante que o distingue dos demais. É este o caso da biografia, mas também da utilização ~~da história de vida~~ <sup>da história de vida</sup> pela psicologia, mesmo quando trata das relações entre um indivíduo e sua sociedade; <sup>por isso,</sup> quando apenas parte dela é utilizada, pôde induzir a graves falhas na análise e na compreensão do que se quer estudar.

Esta exigência não tem razão de ser quando se trata de um estudo sociológico ou antropológico. Neste caso, o aproveitamento da biografia ou da autobiografia se faz no sentido de buscar como estão ali operantes as relações do indivíduo com seu grupo, com sua sociedade. Não se trata de considerá-lo isoladamente, nem de compreendê-lo em sua unicidade; o que se quer é captar, através de seus comportamentos, o que se passa no interior das coletividades de que participa. O indivíduo não é mais o "único"; ele agora é uma pessoa indeterminada, que nem mesmo é necessário nomear, é somente <sup>o indivíduo</sup> unidade dentro da <sup>uma</sup> coletividade. Todavia, em seu anonimato, contém <sup>num</sup> num microcosmo as configurações que <sup>sua</sup> sua coletividade abarca, ao ordenar <sup>umas</sup> em relação às outras ~~as unidades~~ <sup>as unidades</sup>, de que se compõe <sup>o grupo</sup> O recorte do

material não somente se torna viável, agora, como até mesmo imperioso, pois são facetas do mesmo que serão *utilizadas*.

Embora colhidas com finalidades muito diferentes, autobiografias e biografias são perfeitamente utilizáveis pelos cientistas sociais como material de análise. Ambas, principalmente se bem feitas, podem constituir excelentes repositórios de dados que, no entanto, devem ser verificados e completados por informações de outras fontes. Pôde-se dizer que autobiografias e biografias, desse ponto de vista, estão em convergência com histórias de vida e depoimentos pessoais para o esclarecimento de um dado ou de um momento histórico; porém não se confundem com estes. Também devem ser manuseadas com muito cuidado; justamente por se tratar da análise de uma personalidade, não raro encarecerão o que é peculiar ao indivíduo estudado. Ora, o que o sociólogo trabalha vai na direção do que é coletivo, isto é, do que é geral, não se detendo nos particularismos. Sua direção é oposta à dos biógrafos e dos psicólogos.

#### HISTÓRIAS DE VIDA: CARACTERÍSTICAS.

Quando John Dollard examinou os critérios que tornariam aceitáveis as histórias de vida como fornecedoras de dados para o sociólogo, tropeçou justamente com o problema de estar lidando com o desenvolvimento de um indivíduo dentro de determinada sociedade e, portanto, de estar abarcando o comportamento deste, e não diretamente os dados sobre a coletividade em foco. E quando, no período em que ~~publicou seu~~ *publicou seu* ~~livro, outros~~ *livro, outros* cientistas sociais cogitaram do aproveitamento deste tipo de material, assim como dos depoimentos orais, pareceu a muitos deles que a interferência da subjetividade do narrador falseava de maneira perniciosa as entrevistas. Franz Boas, porém, colhendo os relatos de anciãos das tribos norte-americanas, não se deixou deter por este aspecto. Tencionava reconstruir, através do que reunia, a organização deliquescente dos grupos a fim de compreendê-los. O que lhe chamou a atenção foi a relativa independência de certos fatos culturais, que os fazia persistir mesmo quando desorganizado o grupo em que haviam previamente existido. Descobria assim a condição sine qua non para que a história de vida e os relatos orais sobre o passado pudessem ser utilizados: comportamentos e valores são encontrados na memória dos mais velhos, mesmo quando estes não vivem mais na organização de que haviam participado no passado, e assim se pôde conhecer *parte do* que existira anteriormente e se ~~resumira~~ *resumira* nos embates do tempo.

Realmente, se a memória de determinados valores e comportamentos se desfizesse com o desaparecimento das organizações sociais, então seria impossível a utilização dos relatos orais em geral, e das histórias de vida em particular, na análise de coletividades e sociedades.

Muito antes de Dollard e de Boas, os sociólogos Thomas (americano) e Znaniecki (polonês) haviam utilizado histórias de vida em seu célebre trabalho sobre os camponeses poloneses que permaneciam em sua pátria e os que haviam emigrado para os Estados Unidos. Porém <sup>de Dollard</sup> ~~as~~ preocupações não haviam constituído dificuldades para ambos, que consideraram, ao contrário, a história de vida como excelente técnica de coleta de material. Chamaram a atenção, todavia, para o fato de não poder ela ser utilizada sózinha numa pesquisa, pois não fornece base empírica suficiente para se levantar inferências; deve, portanto, ser sempre completada por material coletado de outra maneira. De fato, estes autores trabalharam com grande copia de documentos escritos, como por exemplo a correspondência entre os imigrantes e seus parentes que haviam permanecido na Polónia.<sup>7</sup>

A constatação destes dois cientistas sociais, proveniente da experiência que realizaram, chama a atenção para um aspecto que foi ~~em seguida~~ retomado por muitos outros pesquisadores: o da necessidade de uma complementação proveniente de outras fontes. A justificativa deles era de que nunca se poderia obter grandes quantidades de histórias de vida ~~suficientes~~ suficientes para dar embasamento empírico satisfatório e amplo que permitisse chegar a conclusões. Na verdade, todo registro de uma história de vida, mesmo quando hoje é feita por intermédio do gravador, <sup>desliga-a</sup> ~~desliga-a~~ do contexto em que se deu a entrevista; e esta falha é mais grave se a entrevista teve lugar fóra dos lugares em que <sup>o informante</sup> ~~o informante~~ habita ou trabalha. De fato, nem a escrita do pesquisador, nem o gravador registram o local onde se passa o colloquio, ou o local onde o informante habita, amputando o material de uma preciosa mêsse que pôde encerrar detalhes ~~primordiais~~ <sup>primordiais</sup>. A falha é muito mais importante na coleta de histórias de vida do que nos depoimentos orais; a focalização destes sobre determinado ponto, sua concentração sobre um dado preciso, excluem a utilização de elementos circundantes, que, pelo contrário, seriam esclarecedores no caso de histórias de vida, como comprovantes, ou como demonstradores de contradições.

Na verdade, é específico das ciências sociais necessitar sempre o pesquisador de dados colhidos de fontes as mais variadas, quando quer a - barcar de fôrma ampla a realidade que estuda. A unanimidade ~~de~~ <sup>a</sup> a esse respeito tem sido constante;<sup>8</sup> mesmo aquêles que se manifestaram de modo muito entusiástico a respeito das histórias de vida re-

conheceram que a utilização sômente delas resultava em trabalhos limitados. A <sup>maior</sup> dificuldade estava em que a coleta de uma historia de vida é de duração longa; as entrevistas não pôdem ultrapassar certo lapso de tempo porque são cansativas, devendo ser empregadas com intervalos. Para os idosos, a quantidade de colloquios deve ser grande quando se revelam bons informantes, afim de se coletar o maior número possível de informes. Este alongamento do tempo é acrescido por uma transcrição (que consome horas e horas, sendo trabalhosa e aborrecida), assim como por uma análise forçosamente demorada. Desta fôrma, é muito difficil conseguir muitas historias de vida que forneçam base empírica suficientemente larga para se chegar a algum gráu de certeza, a não ser por meio de uma pesquisa que demore vários anos. O meio de se fugir a êste obstáculo estava em juntar à tecnica em pauta uma coleta de dados utilizando outros procedimentos.

Mesmo a utilização de depoimentos orais, cuja obtenção é mais breve, aponta para dificuldades inerentes à própria natureza do informe. Nunca é demais lembrar o belo trabalho de Germaine Tillion sôbre os campos de concentração nazista em que esteve detida durante a 2ª Grande Guerra, e que teve como uma das fontes de dados, além da vivência da autora, uma larga coleta de depoimentos orais. Seu intuito era desvendar o destino dado a prisioneiras que periodicamente eram <sup>do campo</sup> retiradas. Verificou que os depoimentos e que a própria recordação <sup>sua</sup> do que vivenciada se orientavam em direções diferentes e não raro contraditórias. Resultavam do fato de que, individualmente, <sup>os informantes</sup> haviam captado sômente uma parcela da realidade de Ravensbrück, e a <sup>narrativa</sup> de cada acontecimento era diversa <sup>ou</sup> conforme cada individuo se encontrasse numa ou noutra situação, <sup>ou</sup> de acôrdo <sup>a autora</sup> com a sensibilidade e a experiência passada de cada um. Verificou assim a impossibilidade de basear sua análise, que desejava sociológica, simplesmente nos relatos de seus companheiros e em sua experiência pessoal; organizou então uma coleta de dados muito mais ampla, afim de que da complementação e do cotejo entre êles se reformulasse uma imagem do campo de concentração cuja confiabilidade fôsse muito maior do que a que resultava dos depoimentos.

Há que se observar, no entanto, que a necessidade de se acrescentar outras fontes às historias de vida não invalida a possibilidade de utilização de uma <sup>única</sup> dentre elas, para o conhecimento de problemas de uma coletividade. E' certo que toda pesquisa sociológica, quer utilize tecnicas como a historia de vida, quer outras tecnicas diversas (inclusive e principalmente as quantitativas), ganha novas dimensões, maior profundidade, maior envergadura, desde que acompanhadas

e complementadas por outras maneiras de coleta. <sup>Porém uma única</sup> [ ] historia de vida, desacompanhada de captações complementares de material, desde que convenientemente analisada, pôde ser da maior importância para a definição de problemas de uma coletividade, principalmente se o pesquisador não conhece bem a esta; e, caso já possua uma visão da mesma e dados em quantidade apreciável, <sup>(serve ela)</sup> para um refinamento das observações e das inferências, assim como para um controle. Certamente uma só historia de vida não exgotará todos os aspectos e nem todas as interpretações dos fenômenos que se pretende esclarecer; mas sempre levanta relevante série de questões acerca das quais não se havia cogitado ainda, ou fornece novas perspectivas a respeito do que já se conhecia. Histórias de vida de indivíduos de camadas sociais diversas a respeito de um mesmo momento ou acontecimento são, por exemplo, preciosas como fontes de dados e controle.

O levantamento da historia de vida tem sido ora remetido para o inicio da pesquisa, afim de se <sup>formularem</sup> questões pertinentes cuja investigação seria efetuada por meio de emprêgo de outras tecnicas; ora <sup>se empregada</sup> como elemento de controle para certos resultados obtidos através de outros procedimentos. Num e noutro caso, chega-se por meio dela aos valores inerentes aos sistemas sociais em que vivem os informantes, que dados como os estatísticos certamente não fornecem. No entanto, uma vez captada e analisada uma historia de vida, apresenta ela informações <sup>(cujas amplitudes pode ser)</sup> em seguida pesquisada por meio de amostragem estatística e utilização de questionários.

A diversidade de modos de emprêgo das historias de vida e dos depoimentos orais mostra a riqueza dos dados que captam; e a este respeito, atualmente, mais ou menos todos os cientistas sociais são concordes. Não se nega <sup>também</sup> mais que mesmo uma única historia de vida <sup>possa</sup> ser objeto de um estudo sociológico aprofundado e frutífero. Todo fenômeno social é total, dizia Marcel Mauss nas décadas de 20; o individuo é também um fenômeno social; aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e tecnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua historia.

Na verdade, tudo quanto recolhe o cientista social se compõe de historias, ou de parte de historias de individuos, ou pôde nelas ser transformado. No entanto, encontrar historias de vida a partir de material colhido em pesquisa não pôde ser confundido com a tecnica empregada para registrar a realidade, isto é, com modos de agir peculiares à coleta de material. De quase todos os documentos podem ser extraídas historias de vida; mas isto não quer dizer que o cientista social esteja a todo o momento utilizando a tecnica das historias de vi-

da.

Técnica é procedimento ou conjunto de procedimentos, de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos; como todo procedimento, é ação específica, sistemática e consciente, obedecendo a determinadas normas e visando determinado fim; é conservada e repetida se sua eficiência fôr comprovada pelos resultados obtidos. Toda técnica é mecanismo de captação do real, em sociologia, e não pôde ser confundida com o material reunido, isto é, com os dados. A captação de dados nas ciências sociais pôde servir para a construção de biografias; porém não é esse o trabalho do pesquisador. A atividade que este desenvolve no tempo e no espaço se destina a resolver questões propostas por relações existentes no interior de coletividades. Para ele, o levantamento de dados é o primeiro momento de um processo que se desenrola com várias fases, isto é, <sup>de</sup> modificações em sequência, se escalonando <sup>a partir</sup> do projeto de trabalho, <sup>passando</sup> pela coleta do material, <sup>para sua</sup> análise, até chegar à ~~terminação~~ terminação com o relatório final ou a publicação do livro. A coleta do material através de histórias de vida limita-se a um momento específico da pesquisa e não perdura pela totalidade da realização desta, nem é representativa da totalidade da mesma.

O material levantado é, por sua vez, um conjunto de informações reunidas de acôrdo com um ponto de vista e um sistema, - conjunto empírico que deve, em seguida, ser trabalhado por outros procedimentos como a descrição, a análise, o levantamento de inferências, a compreensão, a explicação, os quais se sucedem <sup>de</sup> como fases diferentes <sup>de</sup> ~~inconfundíveis~~. O material uma vez recolhido permanece igual a si mesmo no tempo e no espaço, desde que conservado com o devido cuidado; ao correr dos anos, encerrará sempre as mesmas informações, servindo para outras pesquisas que levarão a confirmações ou a ~~novos~~ conhecimentos e comprovações. Fruto de procedimentos do pesquisador, não pôde ser confundido com as técnicas utilizadas para ~~a~~ coleta, e nem com qualquer momento da pesquisa. A técnica, como se vê, nada mais é que a ferramenta destinada a desencavar o dado.

A história de vida, como qualquer outro procedimento empregado na coleta de dados, é <sup>pois,</sup> ~~um~~ instrumento, <sup>nem coleta, nem</sup> produto final da pesquisa; ela recolhe um material bruto que necessita ser analisado. Porém o material bruto, uma vez registrado, permanece inerte e <sup>inerte</sup> ~~inerte~~ através do tempo, tendo as mesmas características de persistência e identidade que possui qualquer outro documento e, como estes, durando através das idades desde que convenientemente armazenado.

○ <sup>início da</sup> utilização das histórias de vida como técnica de coleta em

regiões diferentes mostrou convergências interessantes. Nos Estados Unidos, o desaparecimento de tribos indígenas levou <sup>emprego</sup> a ~~uma~~ de variadas fôrmas de historia oral, afim de se conservar pelo menos a lembrança de sua organização e costumes. Na Europa, e principalmente na França, a transformação do estilo de vida dos camponeses a partir de fins do sec. XIX fomentou também a coleta de relatos orais, de depoimentos pessoais, de historias de vida, visando registrar as maneiras de agir e de pensar existentes numa organização social que se apagava. A quase inexistência de documentos escritos, assim como de outras fôrmas de conservação de informações, determinou o desenvolvimento de técnicas que permitissem o armazenamento de dados do passado e também de costumes que, ainda existentes, iam pouco a pouco caindo em desuso.

Em muitas regiões da França, por exemplo, viveram os camponeses, até a década de 20, em estruturas socio-econômicas e culturais que persistiam havia longo tempo. Continuavam muito importantes os liames do parentesco, as alianças matrimoniais tradicionais; valorizava-se a experiência dos mais velhos, sempre respeitados; na infraestrutura material do cotidiano inexistiam água corrente, luz elétrica, estradas asfaltadas; e apesar da leitura e da escrita se terem difundido desde a segunda metade do sec. XIX, a transmissão de conhecimentos por via oral e pela experiência direta continuava de grande relevância, sob a orientação dos mais velhos que detinham o saber prático referente às atividades agrícolas e aos ofícios.

A reformulação da infraestrutura material, a expansão dos meios de comunicação, determinaram a utilização crescente da escrita como veículo de registro e transmissão de conhecimentos; os livros foram substituindo cada vez mais os ensinamentos dos velhos. A transmissão oral perdeu paulatinamente importância; com ela decaiu a influência dos idosos, cujos conhecimentos não eram mais tão adequados ao novo contexto socio-econômico que emanava das grandes aglomerações urbanas. Na antiga sociedade camponesa, continuidade e preservação haviam constituído valores muito importantes para a orientação dos comportamentos; na sociedade que agora despontava, a atenção de adultos e jovens focalizava modificações e transformações como atributos fundamentais de uma vida que se queria moderna.

O desaparecimento de sistemas e valores que acompanhavam a estrutura de uma sociedade "tradicional", a anulação da própria lembrança deles, parecia iminente. Os anciãos seriam as últimas testemunhas ainda existentes de um estilo de vida que se desfazia, e esta constatação levou cientistas sociais franceses a se interessarem pela his -

toria oral em todas as suas fôrmas. Da década de 50 em diante, foram elas complementadas por filmes, por audiovisuais, por video-cassetes. Tratava-se de resguardar falas, opiniões, aspecto físico, gestos dos idosos, além dos discursos, pois ~~alco~~ <sup>também constituem</sup> algo do passado. A organização de arquivos e museus foi muitas vêzes paralela à utilização destas técnicas, que ~~armazenam~~ <sup>armazenam</sup> documentos sôbre os antigos modos de vida.

No entanto, para as ciências sociais, o importante não é nem armazenar documentação, nem reconstituir antigas sociedades ou épocas, mas ~~atinar~~ <sup>atingir</sup> um problema de estrutura social por meio de mecânicas específicas de coleta de dados. Thomas e Znaniecki, dos primeiros a utilizar historias de vida, pretendiam esclarecer questões ligadas à integração de imigrantes europeus e de outras proveniências, que a partir de meados do sec. XIX passaram a chegar em grande quantidade aos Estados Unidos; procuravam, por meio da historia oral, conhecer as mudanças ocasionadas na sociedade de chegada e nas próprias sociedades de origem decorrentes da partida dos ~~que migravam~~ <sup>que migravam</sup>. Tratava-se de um problema contemporâneo e não mais de uma tentativa de recuperação do passado.

Mais tarde, também Oscar Lewis se preocupou em conhecer as relações familiares de individuos de baixa renda no Mexico, sôbre os quais ou escasseavam ou inexístiam dados. ~~O~~ <sup>simples</sup> arquivamento do material, nestes casos, passa a constituir um derivado interessante, porém o objetivo principal é outro. Para esclarecer a questão escolhida pelo pesquisador não é necessário recorrer a pessoas idosas; torna-se ~~primordial~~ <sup>primordial</sup> destacar informantes cujos relatos cubram o campo investigado. Em se tratando de Oscar Lewis, foi imprescindível entrevistar também jovens, para se perceber, no interior da família, como se estabeleciam as relações entre diversas faixas de idade. Conhecer o relacionamento no interior da constelação familiar se tornava possível através das narrativas de pais, de filhos, de parentes que com êles convivessem.

Todavia, enquanto Thomas e Znaniecki utilizaram os relatos orais como documentos iguais a quaisquer outros, Oscar Lewis ficou de tal modo fascinado pela riqueza das historias de vida que julgou não necessitar o sociólogo de análises e inferências; bastava que tomasse conhecimento ~~do~~ <sup>do</sup> material empírico em seu estado "natural". Não desenvolveu, pois, um estudo, mas quis levar de maneira direta aos interessados o conhecimento de seus dados, ~~realizando~~ <sup>realizando</sup> tão somente a transcrição das fitas gravadas; efetuou ~~uma~~ <sup>isso sim,</sup> limpeza e ordenação dos relatos para ~~compreensão~~ <sup>compreensão</sup> mais facil e amena por parte do leitor. E quase transformou seu material em literatura....

O respeito à integridade das histórias de vida não foi somente praticado por Oscar Lewis; vários pesquisadores também hesitaram em aproveitar partes do material colhido, como se o desvirtuassem não o conservarem em sua <sup>sem</sup> ~~integridade~~ <sup>inteiros</sup> apresentaram portanto a história ou as histórias colhidas, tanto quanto possível, em sua <sup>tatal</sup> ~~total~~ <sup>idade</sup> ~~idade~~. Não se davam conta de que relato escrito ou fita gravada constituem registro semelhante a qualquer outro dos habitualmente analisados. Se não se furtavam a utilizar, destacadamente umas das outras, as respostas a um questionário, não havia razão para não recortarem, das histórias de vida, as passagens que diziam diretamente respeito ao que estavam estudando. Tal utilização não implicava em mutilações do material; relato escrito ou fita gravada, permaneciam intactos para serem empregados por outros pesquisadores. Desde que a história de vida ou os relatos orais não tinham sido colhidos meramente para serem arquivados, urgia analisar os dados <sup>neles</sup> encontrados, recolhendo-os na massa bruta do material coletado. A massa bruta completa ficaria arquivada, à disposição de outros cientistas para novas pesquisas, em absoluto não se perderia. Utilizada como instrumento de coleta de dados em ciências sociais, a história de vida <sup>forçosamente</sup> ~~deve~~ <sup>deve</sup> ser analisada e, portanto, fragmentada.

#### HISTÓRIAS DE VIDA NA PESQUISA BRASILEIRA.

No Brasil, a técnica de histórias de vida, depois de breve aparecimento em fins dos anos 40 e início da década de 50, <sup>10</sup> ~~que deu~~ <sup>que deu</sup> ignorada. No entanto, as características gerais da sociedade brasileira e, principalmente, a rapidez de suas transformações, deveriam ter levado mais cedo os pesquisadores à utilização desta técnica. <sup>11</sup> Sua eclipse durante tanto tempo deveu-se à espécie de encantamento pelas técnicas estatísticas de amostragem com o emprêgo de questionários. Aos olhos <sup>dos</sup> ~~dos~~ cientistas sociais, as histórias de vida e, de um modo geral, o relato oral se apresentavam "cheios de subjetividade", tanto do narrador quanto do pesquisador, constituindo assim ~~um~~ instrumento que não raro levaria a desvios de observação e a interpretações errôneas.

A revalorização da história oral ocorrida recentemente na Europa despertou o interesse dos cientistas nacionais. Primeiramente foi a história oral que ressurgiu, suscitando ~~um~~ iniciativas traduzidas na fundação dos Museus da Imagem e do Som, e também de grandes arquivos que armazenassem entrevistas com personalidades políticas famosas. Nesses repositórios se encerra a "memória" de algo que se perderia com o desaparecimento de pessoas mais velhas, ~~um~~

num país em que sempre se deplorou a falta de documentação para estudo.<sup>12</sup>

Além disso, o ritmo extraordinariamente rápido de mudanças na sociedade brasileira devia forçosamente contribuir para a difusão <sup>da</sup> técnica. Quando se dá conta, por exemplo, de que em 1950 o meio rural era habitado por 70% da população e <sup>de</sup> que em 1980, num período de 30 anos, as proporções se inverteram inteiramente, os habitantes do meio urbano passando então a 70%, compreende-se que a conservação do que "foi" adquira importância aos olhos dos estudiosos. Recolher a maior quantidade possível de testemunhos sobre formas de vida para as quais não existam senão poucos registros; saber como agiam os "silenciosos", aqueles que pouco aparecem na documentação escrita, isto é, as camadas de baixa renda; saber como encaram sua existência diante das modificações velozes em curso, constituiu uma larga abertura para a utilização de relatos orais e de histórias de vida.

Porém, <sup>verdadeira</sup> desse ponto de vista, não se tratava senão de armazenar a memória. A utilização das histórias de vida como técnica específica de pesquisa não fez seu reaparecimento nem na sociologia, nem na antropologia neste país, e sim na psicologia social. A finalidade foi o esclarecimento de problemas da memória enquanto atributo humano estreitamente dependente da vida social e por esta alimentada.<sup>13</sup> O trabalho pioneiro se desenvolveu em S. Paulo, cidade cujo crescimento acelerado e transformações radicais constituem grandes provocações para se inquirir o que sucede com os processos de conservação das lembranças. Somente em seguida a esta primeira aplicação da técnica, foi ela <sup>estendida</sup> a investigações sobre aspectos propriamente sociais para os quais não se possuía farta documentação, fôssem camadas sociais inferiores, fôssem em determinados grupos étnicos, fôssem em certas categorias profissionais,<sup>14</sup> tanto no meio urbano quanto no meio rural.

Nestes casos, é agora a sociologia que está em jogo. Os mecanismos da memória, sua ligação com a base biológica e com o contexto socio-econômico em que se dão as experiências individuais, não constituem <sup>para ela</sup> questões fundamentais. A organização de arquivos, a constituição de acervos de documentação, o armazenamento de dados, também por si sós não se colocam diretamente como meta a ser alcançada. O que se busca é o esclarecimento de relações coletivas entre indivíduos num grupo, numa camada social, num contexto profissional, noutras épocas <sup>e</sup> também agora.

Nenhuma sociedade é um todo monolítico; em seu interior coexistem grupos e camadas sociais de diverso tipo, divisões por sexo e idade, coletividades variadas. Histórias de vida de indivíduos com posições diferentes dentro de um grupo, quer sejam membros da mesma família (como já <sup>colhera</sup> ~~colhera~~ Oscar Lewis), quer se trate de homens e mulheres, quer diga respeito ao contraste entre os mais velhos e os mais jovens, servem para dirimir dúvidas e aprofundar conhecimentos. E estas investigações transbordam das camadas inferiores para todas as demais, uma vez que em todas elas os mesmos problemas se colocam de descobrir relações *ignoradas*.

No meio rural, por exemplo, as mudanças extremamente rápidas ocorridas em S. Paulo atingem indivíduos de todas as camadas sociais; no entanto, as pesquisas, utilizem ou não histórias de vida, tem se voltado quase que somente para as camadas inferiores. Não se atenta para que, ainda há poucos anos, havia também, habitando em suas propriedades, grandes e médios proprietários, e desconhece-se como vivenciaram a transformação que se operou em suas existências com sua implantação nas cidades.<sup>15</sup> Além deles, toda uma gama de indivíduos citadinos está ligada aos habitantes do meio rural, não por auferirem diretamente do sólo seu sustento, porém para servir <sup>aos</sup> ~~aos~~ <sup>rurais?</sup> ~~urbanos~~ funcionários públicos (professores primários, tabeliães, delegados, etc.), gente do setor terciário (pequenos e médios comerciantes, pequenos industriais, artesãos, etc.). Como vivem eles as reviravoltas havidas com o êxodo dos campos e com as mudanças de relações de trabalho ~~ali~~ ali acontecidas? O esvaziamento do meio rural tem determinado também o esvaziamento das cidades dele dependentes, - aspecto do problema que permanece ignorado e praticamente não estudado.

Constituem as histórias de vida, nestes casos, excelentes técnicas para se efetuar um primeiro levantamento de questões, pois ainda faltam dados a respeito <sup>destas</sup> ~~destas~~ revelam o cotidiano, o tipo de relacionamento entre os indivíduos, as opiniões e valores e, através dos dados assim obtidos, é possível construir um primeiro diagnóstico dos processos em curso. <sup>Alcança-se</sup> ~~Alcança-se~~ então uma visão do que ocorre, cuja extensão seria a seguir, numa outra pesquisa, investigada por meio de técnicas estatísticas de amostragem, por exemplo. Vive-se hoje um momento privilegiado para se captar, por meio de história oral, e mais particularmente por intermédio de histórias de vida ou de depoimentos pessoais, a maneira pela qual diferentes camadas sociais, diferentes grupos, homens e mulheres, <sup>várias</sup> ~~várias~~ faixas de idade estão experimentando as mudanças que ocorrem, segundo que valores as estão encarando, quais as normas que aceitam para seus comportamentos e quais as que rejeitam.

Uma tecnica qualitativa como a das historias de vida pôde coexistir tranquilamente com tecnicas quantitativas como a da amostragem, desde que cada uma delas seja aplicada a um momento específico da pesquisa. A tecnica de historia de vida é, em geral, muito útil para um primeiro levantamento de questões e de problemas, ao se notar a inexistência de conhecimentos a respeito. Também é da maior utilidade como meio de verificação e de controle do que já foi colhido por outros meios. A tecnica quantitativa, seja a da amostragem ou outra, serve principalmente para se conhecer a intensidade de um fenômeno, o quanto se espraia por um grupo ou camada, como atinge grupos e camadas diferentes. Os dois conjuntos de tecnicas não são opostos ou mutuamente exclusivos; são procedimentos a serem empregados em determinados tipos de pesquisa, ou em determinados momentos da mesma.<sup>16</sup> Não tem sentido, nas ciências sociais, se tomar partido por este ou aquele procedimento, tanto mais que a obtenção de dados de fontes variadas, que enriquece uma pesquisa, determina a necessidade de se utilizarem tecnicas também variadas. A querela é vã; o importante é saber escolher a tecnica adequada ao tipo de problema, à especificidade do dado e ao momento preciso da investigação.

#### HISTORIAS DE VIDA: DO INDIVIDUAL AO COLETIVO.

A historia de vida é contada por um personagem e gira em torno deste. 'A primeira vista, dir-se-ia que é algo eminentemente individual, sofrendo as distorsões trazidas pela subjetividade do narrador. Esta colocação tem sua razão de ser; no relato de uma historia de vida, o pesquisador colhe dados que indicam como se formou a personalidade de um individuo, através de sequências de experiências no decorrer do tempo. "Individuo" significa alguém que se tomou isoladamente, extraindo-o do interior de uma coletividade para considerá-lo em si mesmo, naquilo que o distingue dos demais. Quando se estuda a personalidade do individuo, admite-se que os predicados encontrados são exclusivamente seus e não ocorrem em nenhum outro, por mais semelhante que possa ser; isto é, tanto sua constituição quanto suas qualidades o marcam como único, o distinguem dos demais de seu grupo, de sua sociedade. Individuo e personalidade seriam noções que recobririam aquilo que existe de mais íntimo e de mais inconfundível em alguém.

Se o individuo obedecesse a determinações exclusivamente suas e inconfundíveis, então realmente as historias de vida seriam improprias para uma análise sociológica. No entanto, o que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os seus aspectos, por uma infi-



semelhantes e com sua sociedade. Englobou em seguida <sup>(em seus estudos)</sup> o inconsciente, vendo-o como o repositório das agressões e das opressões do meio social, e portanto material revelador para a análise de controles e coerções. Finalmente foi se orientando também para a subjetividade, isto é, para a faixa interior que parecia mais próxima do biológico porque carregada de afetividade, implicando por isso mesmo num caráter marcadamente individual. Com efeito, "subjetivo" significou primeiramente aquilo que pertencera a um individuo e somente aquêle, distinguindo-o dos demais; negava-se assim que a fôrma tomada pelas manifestações d'êles pudesse ser igualada pela dos demais. Nesta caracterização se consubstanciaria a oposição entre subjetivo e objetivo; êste último encerrava características válidas para todos os individuos porque exterior a êles, enquanto o primeiro permaneceria encerrado no íntimo do individuo, <sup>formado pelas</sup> qualidades que lhe seriam exclusivamente peculiares. No julgamento subjetivo de um individuo estariam as marcas de suas impressões, <sup>de</sup> seus gostos, seus hábitos, seus desejos e aspirações, unica e fundamentalmente seus, inconfundíveis com os dos demais.

Apezar de todas estas definições, no entanto, a sociologia atualmente se orientou também para o subjetivismo, considerando que êle não decorre exclusivamente de bases biológicas e psicológicas, porém que se desenvolve numa coletividade, sendo portanto revelado <sup>desta</sup>. O subjetivismo deixa <sup>assim</sup> de ser, para esta disciplina, a marca individual intraduzível e inexplicável, cujo vislumbre de alguma interpretação só poderia ser captado através da biologia e da psicologia; a sociologia também <sup>tem suas</sup> palavra a dizer a respeito desses problemas, que podem ser objeto de seu estudo. Tanto mais que as manifestações do subjetivismo respondem sempre a algo que é exterior aos individuos.

Necessidades físicas, inclinações, paixões, prazer e dôr, significam reações da parte do individuo a algo que captou a partir do exterior, e que só adquirem significado através da mediação do exterior; conforme a sensibilidade d'êles, serão mais ou menos intensas, desencadearão ou não ações de variado tipo. Uma vez existindo a mediação exterior (e a palavra é uma delas, provavelmente a mais importante) para que se <sup>expresse</sup> o puramente individual, este fica já comprometido com o exterior, <sup>emergido</sup> sempre <sup>em</sup> numa atmosfera plenamente coletiva. Mesmo que se trate de sensações termicas, respiratorias, circulatorias, isto é, do conjunto de sensações internas de que trata a cenestesia, - sensações que parecem indepen-

der até da intermediação dos sentidos para serem percebidas, - ainda assim sua apreensão pelo indivíduo forçosamente passa pela conscientização (ou pelo menos pela tentativa de conscientização) através da palavra; o que significa através de um instrumento forjado pela realidade social. Não escapa, portanto, de se tornar em parte, também, objeto de estudo sociológico.

<sup>Assim</sup> ~~Assim~~ ainda quando o subjetivo seja entendido como as sensações inefáveis provenientes dos órgãos internos, ~~da~~ da circulação, da nutrição celular, etc., constituindo um estado psíquico <sup>próximo</sup> ~~da~~ da ação interna deles e resultando em confusas impressões internas, desde que se admita que estas sensações <sup>podem</sup> ~~chegam~~ ao estado de percepção, neste momento <sup>sua</sup> ~~de~~ formulação se opera por meio de manifestações que deixam de ser puramente subjetivas; pois as sensações confusas provenientes de todas as partes do corpo estão sendo constantemente transmitidas aos sentidos e, ao se transformarem em percepções, sofrem as imposições do contexto circundante e perdem seu caráter de ~~exclusiva~~ <sup>subjetividade</sup> ~~exclusiva~~. Pela formulação que então adquirem, entram para o domínio dos fatos passíveis de serem analisados pela sociologia.

Nesta maneira de se compreender o subjetivismo, permanece ele como puramente individual, e mesmo como essencialmente individual, enquanto não é apanhado nas malhas da percepção; sua base seriam as funções vegetativas que dariam lugar a sensações vagas e difusas de bem-estar ou de mal-estar, cuja influência se faria sentir fóra dos órgãos dos sentidos, porém que constituiriam uma das causas <sup>físicas</sup> ~~impór~~ - tantes dos sonhos, por exemplo; ~~mas~~ causa exclusivamente física, o sonho tendo também um conteúdo que se liga estreitamente ao contexto socio-cultural do indivíduo. Em tal perspectiva, o conteúdo do sonho pode ~~ser~~ ser abarcado pelo estudo sociológico; quanto ao aspecto cinestético, somente quando, como já se disse, de sensação passasse a percepção.

Ainda <sup>que</sup> ~~que~~ o subjetivo seja entendido como as sensações intraduzíveis, ainda assim é próprio dos indivíduos tentar compreendê-las primeiramente, e transmitir aos outros o que compreendeu; porém ao fazê-lo forçosamente utiliza os mecanismos que tem à sua disposição e que lhe foram dados pela família, pelo grupo, pela sociedade. A história de vida <sup>tentar</sup> ~~pode~~ desvendando o ponto em que caracteres <sup>fixas</sup> ~~destas~~ destas coletividades se juntam às sensações cinestésicas, buscando a interação entre ambas, e esclarecendo quais os instrumentos sociais utilizados para a tradução.

A esta maneira mais antiga de compreender o subjetivismo veio

se juntar outra mais recente, baseada na teoria de Jung, dos arquétipos enraizados na própria natureza do ser humano; isto é, existiriam representações simbólicas comuns a todos os indivíduos através dos tempos, sejam quais fôrem as raças e os momentos. A semelhança das estruturas mentais seria fundamental, e dela emanariam representações similares banhadas sempre numa dominante de tonalidade afetiva. Assim, modelos de ação e de comportamento ~~se encontrariam~~ <sup>se encontrariam</sup> em povos muito diversos, muito afastados no tempo e no espaço, que não teriam desenvolvido nem contatos, nem influências recíprocas.

Este conjunto comporia o "inconsciente coletivo" e constituiria o fundamento do subjetivismo individual na medida em que estaria unido ao conjunto que, no plano biológico, foi chamado de "instinto". Nesta maneira de ver, a concepção de subjetivismo se inverte, já que ele não tem mais por base o que seria essencialmente individual, mas repousaria em materiais coletivos inconscientes; herdados juntamente com as estruturas mentais, representariam o aspecto psíquico destas. Todo o psiquismo seria, então, menos individual do que coletivo, pois estaria sempre sob a influência das representações e imagens arcaicas reunidas no inconsciente coletivo.

Se aceita esta segunda concepção do subjetivismo, com mais razão então recae ele no campo de estudos da antropologia e da sociologia. O conhecimento dos arquétipos, figuras dinâmicas com estrutura relativamente geral, estariam presentes no inconsciente de qualquer indivíduo; uma análise que desvendasse estas configurações invariantes, veladas pelos significados simbólicos acumulados através dos tempos, constituiria um objetivo daquelas duas disciplinas. As vias de acesso para descerrar os véus que ocultariam as imagens arcaicas seriam variadas: análise dos sistemas mágicos, religiosos, filosóficos; interpretação dos sonhos individuais, etc. As histórias de vida aparecem então como instrumentos de grande utilidade para atingir, sob a ganga dos modelos de pensamento e de ação mais recentes, adquiridos no contato com a realidade socio-cultural cotidiana, as estruturas mentais mais antigas.

Adote-se uma ou outra maneira de compreender o subjetivismo, cabe sempre submetê-lo à perspectiva socio-antropológica afim de aprofundar sua compreensão. Não foram muitos, porém, os estudiosos destas disciplinas que se abalaram à exploração ampla destas profundezas dos seres humanos e das sociedades. Sem dúvida há a necessidade de um refinamento dos instrumentos de trabalho para poder ser levada a efeito com suficiente êxito. Mas pergunta-se: é possível refinar mecanismos sem ao mesmo tempo exercitá-los ?

As histórias de vida poderiam constituir ferramenta valiosa para a intensificação de tais estudos, uma vez que se colocam justamente no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele trás em seu íntimo. Tais observações reforçam as afirmações de que há nesta técnica uma riqueza potencial ainda não utilizada pelas ciências sociais, e de que seu refinamento enquanto mecânica de pesquisa, para ser alcançado, necessita de uma utilização prática devidamente acompanhada de uma reflexão metodológica cada vez mais aprofundada. \*\*

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

Maria Isaura Pereira de Queiroz  
Centro de Estudos Rurais e Urbanos  
Departamento de Ciências Sociais  
F.F.L.C.H. - U.S.P.

---

\*\* - Este trabalho será publicado na revista CIÊNCIA E CULTURA, ainda neste ano de 1987; trata-se da revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.